



CCB

WOYZECK
auéééu

24 A 27 SET 26



**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2026/2027

Centro Cultural de Belém

Teatro

Pequeno Auditório

Qui e Sex, 20h / Sáb, 19h / Dom, 17h

+16

Duração aproximada: 100 min

Criação **auéééu**

Com **Filipe Velez, Frederico Barata, Joana Manaças e Sérgio Coragem**

Cocriação e Conceção Plástica **Fernando Roussado, Filipe Andrade**

Cocriação e Desenho de Iluminação **Daniel Worm d'Assumpção**

Apoio à Criação **Joana Amado Silva, Manuela Viegas e Livia Lattanzio**

Figurinos **Miss Suzie e auéééu**

Produção **Joana Amado Silva**

Apoio à Pesquisa **David Antunes e Francisco Luís Parreira (*Inúteis Conversas*)**

Residência de Coprodução **O Espaço do Tempo**

Residência Artística **OSSO, Cão Solteiro . Residências 120**

Coprodução **Teatro Nacional São João e Centro Cultural de Belém**

Apoios **Direção-Geral das Artes (DGArtes), Junta de Freguesia de Santo**

António (Lisboa), Casa da Comarca de Arganil e Sociedade Filarmónica

João Rodrigues Cordeiro

SINOPSE DA NARRATIVA

Woyzeck, um texto fragmentário e inacabado devido à precoce morte do seu autor, Georg Büchner, em 1837, é vagamente baseado na história real de Johann Christian Woyzeck, um fabricante de perucas de Leipzig que mais tarde se tornou soldado.

Franz Woyzeck vive com Maria, mãe do filho que tiveram fora do casamento – e que, por isso, a igreja recusou abençoar. Para complementar o parco salário, Woyzeck faz trabalhos braçais para o Capitão e submete-se a experiências científicas por parte do Doutor, nomeadamente uma dieta de apenas ervilhas. Humilhado e espicaçado pelo Capitão, a sua sanidade parece começar a degradar-se e visões apocalípticas passam a assombrá-lo.

Perante a ausência de Franz e a sua aparente loucura, Maria seduz e deixa-se seduzir pelo charme de um tambor-mor. Corroído pelo ciúme, Woyzeck confronta o rival, que o espanca e o humilha publicamente. Woyzeck acaba esfaqueando Maria até a morte às margens de um lago.

WOYZECK escrita livre sobre o espectáculo

Büchner dispensa apresentações, os *auéééu* não. Presentes pela terceira vez no mesmo palco do CCB, o palco do Pequeno Auditório, apresentam *Woyzeck*. A primeira presença foi com o espectáculo *Falta Tinta Vermelha* (2014) que, além do mais, foi a estreia absoluta do colectivo. Um espectáculo cheio de sonhos impossíveis, falado em português, italiano e francês, criado num ambiente de total, absoluta reprovação de todas as actividades e rituais pertencentes às praxes académicas, e que estreou em contexto académico. O segundo espectáculo, *O Desprezo*, já profissionalizados entre aspas, era um espectáculo poético – talvez demasiado poético – criado a partir da evidência de que a arte e o seres humanos são sujeitos e objectos de inúmeras formas de desprezo. *Woyzeck* é o terceiro. Embora seja o primeiro que não estreia, porque essa teve lugar na cidade do Porto, no TECA, em co-produção com o Teatro Nacional São João, em 2025.

Sobre este espectáculo, que merece mais a atenção deste texto devido à ocasião, pode afirmar-se categoricamente que o problema que os *auéééu* escolheram enfrentar está relacionado com a vocação do poder patriarcal para agir segundo as leis do progresso científico, por um lado, e por outro, as suas

evidentes e catastróficas consequências. Ao ler-se o texto, dá-se conta de que existe um processo de manipulação do personagem que dá o título à peça, desencadeado por um médico do exército que mantém uma relação de proximidade com o capitão do regimento. Este processo consiste em transformar o cidadão marginal numa cobaia de experiências científicas, que resultam inevitavelmente e repetidamente na sabotagem da sua própria vida. Primeiro, desenvolve-se uma demência devido à privação de alimentos e de horas de sono, depois, é estimulado nele o potencial de assassinar vidas humanas, a troco de algumas moedas a mais no ordenado. E, nos casos em que pessoas matam outras pessoas, os que matam são homens na sua maioria, e as vítimas são mulheres, na sua maioria.

Este aspecto é muito importante para Büchner (e para os *auéééu*), na medida em que a obra trata de um caso de crime conjugal típico (homem mata mulher), o que torna inevitável a necessidade de identificar, pensar e agir sobre este padrão. Quais as causas que sistematicamente provocam actos de violência extrema? Quais as razões pelas quais esses actos de violência são dirigidos às mulheres? E, por que razão, na esmagadora maioria destes casos, a violência é maior quando acontece entre pessoas que vivem na pobreza ou no limiar da pobreza?

Sob este pano de horror e impotência, a atmosfera dos ensaios foi-se formando de ares difíceis de respirar: incompreensão, histórias e exemplos próximos das nossas vidas, medos vindos do futuro, revolta contra o texto e contra nós próprios, porque o objecto da violência vive em nós e não podemos negá-lo, amargura por vivermos num sistema que actua, seja juridicamente, religiosamente, politicamente e/ou artisticamente, de modo condescendente e, muitas vezes, senão mesmo sempre, de modo obsequioso e promotor da violência contra as mulheres. Por essa razão, a personagem Maria, companheira de Woyzeck, mãe do filho do casal, nunca seria levada em conta pelos *auéééu* enquanto símbolo da autocomiseração e do vitimismo. Maria é uma agente do próprio destino, prestes a revolucionar a sua vida, nem que fosse pelo suicídio (Maria: «Devia era agarrar numa faca e matar-me.»), mas que nem isso lhe foi permitido. É uma mulher cujos pensamentos, desejos e dúvidas são colocados, o mais possível, no centro da encenação, embora seja tristemente inevitável que a sua morte anti-natural e aberrante esteja, desde o princípio, anunciada («Doutor: quatro semanas e a mulher está morta»).

É, pois, natural que este cocktail de gases tóxicos e explosivos se tenha entranhado nas nossas narinas e nos tenha insuflado a apresentar

uma encenação que não é simpática. Nem para a actriz e actores, nem para os espectadores. E não nos deixemos enganar pelos rasgos de poesia de Büchner, pois não servem o texto para embelezar o podre, romantizar o amor, ou ritualizar o assassinio de Maria às mãos de Woyzeck e da sociedade do poder fálico.

A poesia de Büchner é traumatizada e não esconde culpados nem inocentes. É carregada de um fatalismo lúgubre forjado de forma quase bíblica. É cruel, apavorante, flamejante. Queima tudo à sua volta, seca-nos a alma, aprisiona-nos na eterna impotência perante a destruição.

Woyzeck, uma peça de teatro inacabada devido à morte do autor em 1837, aos 23 anos, vítima de febre tifóide, é uma das obras mais relevantes da literatura mundial. Quando encontraram os manuscritos, a caligrafia era quase ilegível devido ao estado de saúde do autor. A ordem dos fragmentos nunca foi unânime. E só após mais de 40 anos da sua morte foi possível restaurar quimicamente as páginas e publicar, pela primeira vez, uma obra que, embora incompleta, antecipou as vanguardas do século XX.

«Não te ponhas a abrir buracos na Natureza, Woyzeck»

Onde nos vai levar o infinito progresso? Como saciar a fome autofágica desta civilização?

Há uma resposta no início do texto da Avó: «Era uma vez um menino pobrezinho, que não tinha pai nem mãe, estava tudo morto e não havia ninguém neste mundo.» Uns meninos que agora talvez sejam ricos, cheios de sedes e fomes.

E que escavacam a Terra em busca de lítio, cobalto, ouro, sangue, suor e mineração de mares profundos; violam, esfolam e esgueiram-se num casamento fatal entre cérebro e violência a que chamam poder.

O projecto da universalização da modernização, o projecto europeu do Iluminismo falhou.

Neste espectáculo, Maria já está morta, desde o início. A sua morte elabora um contracto assinado entre humilhado e humilhador, entre a instituição da igreja e a do exército. O seu corpo lançado ao lago, esfaqueado, constitui o formulário totalmente preenchido para pedir a restituição da honra viril, da potência máscula. A criança deixada órfã ao cuidado do Parvo, um *reel* do apocalipse da Humanidade, parece ser uma forma de materialização do nihilismo preconizado por Büchner quando questionava as razões do infinito progresso civilizacional.



e fazer de Maria agora?

A Maria é sensual, deseja, duvida, lê a Bíblia, é desejável, é «um pedaço de mulher», deixa os homens loucos, depende do companheiro para subsistir, tem um filho para criar, ela duvida, quer fugir, equaciona ceder ao Tambor-Mor, rejeita-o quando sente laivos de abuso, ela é doce, é maternal, cansa-se de ser mãe, sente-se aprisionada, sozinha, vê Woyzeck a enlouquecer, tem medo, quer outra vida, deseja, pune-se, arrepende-se, quer fugir, é sexualizada, é julgada por ser sexual.

Sinto que tenho de fazer a Maria de uma determinada maneira, a que está na minha imaginação quando leio o texto, a que resulta de filmes, livros, de ver mulheres e homens à minha volta. Uma que eu acho que é criada por um olhar masculino. Mas o que eu imagino e o que o meu corpo faz, às vezes, são coisas diferentes. Também eu me divido. E não consigo fazer o que dizem que o texto diz ou o que eu digo que o texto diz. Nunca consegui corresponder a um ideal de mulher resultado de um certo olhar masculino, sempre me recusei, não está no meu corpo, no meu desejo, no meu sonho, não entendo, não gosto, não aceito: o «pedaço de mulher» que serve de objecto para a cumplicidade masculina, que dizem ter um poder, o da erotização visualizada e não vivida. Mas que não é poder nenhum. É uma ilusão. Se de sujeito passamos a objecto, perdemos capacidades e potencialidades. O eros e o tanatos. Um erotismo que leva à morte em vez de trazer vida?? Mas que sentido é que isto faz?

E, ao longo do processo, fui criando uma resistência a interpretar esta personagem, talvez por incapacidade, talvez por indignação, por recusa inconsciente, tornada consciente. E opto pelo prenúncio da sua morte aparecer materializado no início: Maria já está morta. A personagem feminina passa a ser um fantasma, um *yurei* que assombra os homens. Que chega a assombrar-me a mim que a interpreto. Um fantasma vital, mulher bicho, espada e esconde, desenha e não larga. Olhos de demónio, pernas de máquina. Nem sei o que é. Maria santa mãe de deus, mãe da morte, pecadora da liberdade, filho lúcido que não dorme, filho terno deixado ao Parvo. Maria que pisa o terreno dos homens, que despreza a fronteira entre o público e o privado. Mulher que devolve um espelho grotesco da animalidade civilizacional.

As miúdas deviam todas aprender artes marciais, os rapazes escrever em diários.

Desde há dois anos os auééú tentam aproximar-se do texto de Büchner.

os manuscritos.

A leitura dos manuscritos provoca uma sensação semelhante àquela que um aspirador cria quando o colamos à nossa pele. A pele é arrepelada com força suficiente para, felizmente, podermos evitar ser completamente sugados. Com Wo zeck é preciso ter mais cuidado. Para qualquer lado que se queira indagar, escavar, ou bisbilhotar, corremos sérios riscos de sentir a morte por perto. Está nas palavras - e no tanto que elas nos manipulam os batimentos cardíacos. Está nas ideias - e no quanto elas nos secam a esperança. Está no delírio poético e na arte de uma lucidez enlouquecida. Tudo neste texto é difícil. E tudo neste teatro é difícil. Neste teatro, o tom é *hardcore* metálico espelhado. Frio. Impiedoso. Cada vez que nos afundamos no lugar onde estas personagens gravitam, mais claramente se anuncia aos nossos olhos a perversidade e a injustiça do mundo dos homens. É por isso que Woyze k é difícil: porque a cada dia cresce uma vontade destrutiva de partir tudo, mas o dever cívico e a benevolência canina que habita o espírito dos artistas manda estar quietinho. Portanto, somente com perfeito cinismo se pode sair incólume do remoinho para o qual somos todos sugados depois de

Woy [REDACTED]

[REDACTED] brutalidade. Do texto. Da acção. Tanto do discurso quanto da acção. Aqueles corpos. O suor e o calor, o barulho, os clarões, aquela música, que não pára, o sol quente do meio-dia desde as 6 da manhã até às 6 da tarde. E depois o quotidiano, a vidinha, que bate à porta todos os dias, e horas e minutos, cheio de uma crueldade falsificada, mas que é a nossa, e que também dói, pois claro, porque é preciso disfarçar o privilégio da precariedade

A impressionante, lírica e fatal brutalidade de um homem que é soldado, pobre, que vive com Maria. Que tem um filho com Maria. Que não casou com Maria. Que desconfia que

Maria o traiiiiiiiu,

Que faz biscates de barbearia, que trabalha no campo, que está subnutrido, que não consegue dormir,

É cobaia de um Doutor que é médico cientista. Que o submete à tortura sob o pretexto de um progresso coitadinho. Woyzec é o

A brutalidade. É disso que fala o texto do autor alemão Büchner,

Johann Chrstian W yzeck, funcionário de uma loja de perucas, um soldado, o último homem a ser executado em praça pública na cidade Riedstadt, na Alemanha em 1928, por ter assassinado Johanna Christiane Woost, sua amante.

Büchner, escritor alemão, estudante de medicina. Constituiu uma sociedade secreta de jovens revolucionários, frequentava o *circle of William Shakespeare*,

foi perseguido,

fugiu,

escapou,

enlouqueceu,

dizem

por

não

ter

suportado

a

Morte

do seu melhor amigo. vítima também ele de perseguição e tortura

E morreu com 23 anos, de doença grave, depois de ter escrito o mais revolucionário manifesto do século, antes do manifesto comunista,

e deixou inacabada a obra

WOYZ

um espectáculo que os auéééu apresentam,

que teve como princípio a encenação da peça de Büchner

&

vagamente inspirada na estética folclórica destorcida e irrepreensível de *A Cor da Romã*,

filme de **Sergei Paradjanov** que tenta recriar, segundo o realizador arménio nascido na Geórgia, a vida interior do poeta músico e compositor popular Sayat Nova

Raison Dupla

BoyZeca Tech

A Liberdade foi um episódio, Um intervalo
entre dois actos Raramente somos
homens Tantas vezes somos ratos
Da liberdade prà acção Da acção à
sujeição
Do caminho sinuoso Prà piscina dos
horrores
Tantos ódios e paixões Multiplicados
em monitores Escravidão, imatura
humanidade, Dark tourist da verdade
Deixei de ser sujeito
Passei a ser projecto
O meu discurso não existe O meu discurso
não aparece
Tudo falece
A sociedade padece
Do trauma do stress
Palavras saem da boca mas quem fala é o
decreto Nada acontece
This is a beautiful disgrace This is a
beautiful mess
Cada um de nós só se sente livre Numa
relação conseguida
A palavra liberdade só existe Numa
coexistência assumida
A liberdade individual
Alimenta o capital
Num engodo social
Num engano que é global
Num engate que faz capa do jornal Num
enxame digital
O traço característico actual Da máquina
infernai
Que corrompe o real Fazendo de mim
Um objecto ficcional Transformando a
minha vida Num projecto político-teatral
Mas então o telefone toca e eu digo 'tou?
Com'é qu'eu 'tou?
Naaa.
Toca o telefone eu digo xto?

Como é que eu xto? Onde é que eu vou?
Quando é que eu sou? Como é que eu digo
xto? Onde é que eu xto? Quando é que eu
sou? Como é que eu vou? Como é que eu
sou?
Quando é que assou o meu cérebro,
se eu não sei quem é que eu sou no meu
cérebro
E o que é que assou?
Se lá dentro não há nada
Só ideias gratinadas, vendidas, induzidas
Na grelha
Esturricadas
Com sabor a barbecue extra bacon
onduladas Fabricadas
Num buffet
Partidário não sei de quê
Mundo, com muros
Com corpos Emparedados,
Com corpos emparedados
Como diria o Mia Couto Mia mia Couto
(repeat)
Esses corpos convertidos
Em muro e em pedras
Metáforas do medo
Que nos aprisionam nas regras Das guerras
das verbas, das trevas
Que separa, Couto Economia, Couto
Percebes, Couto
Economiza, Couto
Já não estamos no Mia, Couto Economia,
Couto
'Tou morto,
'Tou morto Morreu
On ne peut pas accueillir toute la misère du monde
Refugiado do barco que vem da guerra, vais
onde? – Daqui fala a miséria que alimenta a
tua fonte
– Aqui não há lugar pra ti, já 'tá fechada essa

ponte – Que merda é esta?
A terra não é uma *disco* e viver não é uma festa
Nada disto é nosso. Nada disto realmente interessa
Se não for pra partilhar a comida da tua mesa
O teu espaço, o teu conforto, o teu caminho
Junta-te ao movimento, pra que é que tu andas sozinho? Quem tem um amigo tem tudo e quem tem paz nunca sabe Mas se calhar há muitos lordes com medo que o medo acabe
Enquanto há muitos pobres com medo de não ver sustento E os que estão a trabalhar com medo do despedimento
E quem não tem medo da fome tem medo do alimento
Os civis com medo dos militares que têm medo da falta de armamento
As armas com medo do seu esquecimento
As guerras que têm medo de perder o seu momento
Há que estar forte, há que estar atento, tudo tem o seu tempo

o último olho de maria

abre o olho, ratinha
sente o pulso, que está aberto
protege o ninho que tens na barriga
respira leve, fundo
o corpo é certo
a alma o mundo
e as tuas mãos fortes estão

espanta-me o não ter visto
expira o susto
mecanizei o golpe que me acertava todos os dias
pele rija cor de cal
olhos tensos no areal

boca fechada
joelhos inertes
já sopravam os limites
com os avisos dos escaravelhos
nada resta
buracos rasgados no corpo
sangue em brasa
uma serpente no lugar do coração
aflições repentinas, repetitivas
repelentes

só a cobra sangra
mais um pouco de leite
preciso de abrir a noite e destapar lento
sair, fim
nem mais um sonho, promessa, penitência
nem mais uma espera, esperança, alcance
nem mais um susto, valente, morto
nem mais um ataque, pálido, choque
nem mais um grito, morde, salga
nem mais me deixa, me salva, me agarra
nunca perde *pomme* provoca

não consigo conter-me
.....

senhores patriarcas, ide para o caralho que não vos pariu

patriarcado é dizer o forte pode dominar o fraco
mas do que não se lembram é de uma coisa que disse a simone weil:
nem o fraco é absolutamente fraco
nem o forte absolutamente forte
mas ambos o ignoram.
o forte abusa da força, mas ela tem um limite
e, às tantas, fica a sós com as suas lágrimas

agarrado ao écran a veres mulheres aos bocados
pornografia na tela, o rosto embasbacado
o falo que gela e diz que mulher é pecado

conduzes carros topo de gama

indústrias da morte
heroísmo, armas e agrotóxicos
desafio à morte, domínio do natural
mas, no mais simples, na cama, tu passas mal

os teus mísseis de longo alcance
a tua energia nuclear
as tuas fúrias, as tuas culpas, as tuas falhas
a nossa espécie a acabar

no fim, matas a mulher
documentas a tua força
queres impressionar os teus *bros*
ficas sozinho com o teu destino
e o teu coração é tão pequenino

cedes à destruição
não te apercebes da ilusão
um corpo não se possui, não se domina, não se conclui

maquilhas o meu cadáver antes do funeral
crescimento e progresso ilimitado é um mito sepulcral
mama silicone, a glória do individualismo
pele jovem, o ex-líbris do neoliberalismo
lábia nova retocada, supra-sumo do consumismo
rabo firme, a aguentar o capitalismo

.....

mas o meu corpo é cobra quente
vibra num caos ardente
fera, incêndio, tempestade
mexe e grita não fica doente

queres-me mulher-corpo-colónia
mas eu sou mulher-mergulho
ama-san do meu destino

auéééu

Gli uonimini non cambiano

Mia Martini, 1992

*Sono stata anch'io bambina
Di mio padre innamorata
Per lui sbaglio sempre e sono
La sua figlia sgangherata
Ho provato a conquistarlo
E non ci sono mai riuscita
E ho lottato per cambiarlo
Ci vorrebbe un'altra vita
La pazienza delle donne incomincia a quell'età
Quando nascono in famiglia quelle mezze ostilità
E ti perdi dentro a un cinema
A sognare di andar via
Con il primo che ti capita e che ti dice una bugia*

*Gli uomini non cambiano
Prima parlano d'amore e poi ti lasciano
Da sola
Gli uomini ti cambiano
E tu piangi mille notti di perché
Invece, gli uomini ti uccidono
E con gli amici vanno a ridere di te*

*Piansi anch'io la prima volta
Stretta a un angolo e sconfitta
Lui faceva e non capiva
Perché stavo ferma e zitta
Ma ho scoperto con il tempo
E diventando un po' più dura
Che se l'uomo in gruppo è più cattivo
Quando è solo ha più paura*

*Gli uomini non cambiano
Fanno i soldi per comprarti e poi ti vendono
La notte
Gli uomini non tornano
E ti danno tutto quello che non vuoi
Ma perché gli uomini che nascono
Sono figli delle donne, ma non sono come noi
Amore, gli uomini che cambiano
Sono quasi un ideale che non c'è
Sono quelli innamorati come te*

Os homens não mudam

Mia Martini, 1992

*Eu também fui uma criança
Apaixonada pelo meu pai
Sempre fui a errada para ele e sou
A sua filha desajeitada
Tentei conquistá-lo
E nunca consegui
E lutei para o mudar
Seria precisa outra vida
A paciência das mulheres começa nesta idade
Quando surgem aquelas hostilidades tímidas na família
E te perdes num cinema
A sonhares em ir embora
Com o primeiro rapaz que encontras e que te diz uma mentira*

*Os homens não mudam
Primeiro falam de amor e depois deixam-te
Sozinha
Os homens mudam-te
E choras mil noites a perguntar porque
Em vez disso, os homens matam-te
E com os amigos vão rir-se de ti*

*Eu também chorei na primeira vez
Encurralada e derrotada
Ele fazia isso e não percebia
Porque eu ficava parada e em silêncio
Mas descobri com o tempo
E tornando-me um pouco mais forte
Que se um homem é mais cruel em grupo
Quando está sozinho, tem mais medo*

*Os homens não mudam
Ganham dinheiro para te comprar e depois vendem-te
À noite
Os homens não voltam
E dão-te tudo o que não queres
Mas porque é que os homens que nascem
São filhos de mulheres, mas não são como nós
Amor, os homens que mudam
São quase um ideal que não existe
São aqueles apaixonados como tu*

texto sobre os auééú

Os auééú são um colectivo de 7 actores que se juntaram no último ano da licenciatura em Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema, em 2014, e nasceu da vontade de pensar a criação em colectivo, numa relação de poder horizontal, na qual se valoriza a diversidade de ideias e lógicas de pensamento, bem como a multiplicidade de valências a nível da formação académica de cada elemento além do Teatro enquanto disciplina. Os elementos do grupo provêm de áreas de formação como a dança, a música, a literatura e a filosofia, o cinema, a performance e o desporto. Nos processos de criação da companhia, as encenações, a escrita, a cenografia, os figurinos, a luz, o som, a comunicação, enfim, a produção de todos os espectáculos é pensada, discutida e decidida por todos, nunca recorrendo a sistemas de votação, mas sim apoiando-se sempre no diálogo minucioso, na escuta atenta, exercendo um questionamento

permanente. Todo este sistema de relações, esta proposta de programa artístico e político dos auééú, constitui um risco que todos estão dispostos a correr em nome do respeito pelas idiossincrasias de cada elemento, em nome da diversidade, de facto. A natureza artística e criadora do colectivo é, por isso, experimental.

Os auééú procuram desenhar territórios de encontro através do que se pode chamar corpo sensível — um corpo que sente e pensa enquanto escreve. Com efeito, a construção de cada espectáculo consiste numa experiência política singular no seio da expressão artística e das relações humanas, no sentido em que é contra-intuitiva, mas necessária, segundo a visão de teatro que o colectivo deseja. O desafio consiste, a cada momento, em lidar com a divergência sem uma voz soberana que lidera e resolve. A sua génese polifónica é vadia e invulgar e, por isso, tão rica, preciosa e poderosa.

JÁ A SEGUIR

FESTIVAL BIG BANG

FESTIVAL EUROPEU DE MÚSICA E AVENTURA PARA PÚBLICOS JOVENS

15.ª EDIÇÃO

2 — 3 OUT

Para todos



Fábrica
das Artes



APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA

PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA

PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE



RTP

SONY

parceiro
ponto verde



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU



Já somos 4 500.

CARTÃO **CCB**

Entrada gratuita

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea
e Centro de Arquitetura

**Inaugurações, eventos
e visitas exclusivas
às exposições**

**Convite para
um espetáculo**

Estacionamento gratuito

Em visitas ao museu, espetáculos
ou compras superiores a 20€

**30% desconto em
espetáculos do CCB**

Desconto

Lojas e Restaurantes CCB

Newsletters exclusivas



Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA

RTP

RTP
antena 1

RTP
antena 2

PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMEDIA

SONY

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

El Corle Inglês

PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

ponto verde

